

Nasci a 3 de maio de 1926, na cidade de Brotas de Macaúbas, situada na Chapada Diamantina. Meus pais, que se haviam casado no ano anterior, ambos professores públicos primários, ali tinham ido afim de lecionarem.

Não completei, naquela localidade, o meu primeiro ano de existência. Vindo para Salvador, os meus progenitores lograram transferir-se para cadeiras na vila de Itapira, hoje cidade de Ubaitaba, então pertencente ao município de Rio de Contas (hoje Itacaré), onde se demoraram cerca de dois anos.

Fomos, então, para Alcobaca, pequena cidade praiense do <sup>extremo</sup> sul do estado, mal servida de navegação, pois além

dos barcos veleiros que chegavam ao seu porto, somente era visitada, duas vezes ao mês, pelos navios da linha regular da Navegação Bahiana, os quais ficavam ao largo.

Ali aprendi as minhas primeiras letras, mesmo em casa, com os meus pais. Somente aos oito anos de idade é que me matriculei no último ano do curso primário, (4<sup>a</sup>, àquela época), afim de obter o diploma de conclusão do respectivo curso, o que fiz através uma aprovação distinta.

Não pude, todavia, matricular-me num curso secundário, pelo impedimento da idade. Enquanto aguardava os dez anos, <sup>fiquei</sup> ~~estudei~~ em casa estudando, entre outras disciplinas, o Português, o Francês e Algebra.

Em 1937, fevereiro, fiz o exame de admissão ao ginásio <sup>no Instituto Bahiano de Ensino</sup> logrando o 1.<sup>o</sup> lugar entre os aprovados.



Em virtude de residirem os meus pais em Alcobaga e a despeito de termos parentes morando em Salvador, fiquei interno naquele educandário.

Minha vida, ali, decorreu sem maiores incidentes, gozando eu de considerável prestígio entre meus condiscípulos em virtude das boas notas alcançadas nas matérias do currículo e das deferências com que <sup>por isso</sup> me distinguiram os professores.

No 2º ano, fundei um jornal manuscrito, "O Pharol", <sup>cujá matéria versava</sup> sobre fatos da vida escolar e cujos exemplares, poucos, aliás, facilmente se esgotavam.

No 3º ano, quando se reorganizou o Grêmio do Estabelecimento, deferiram-me uma função de destaque, em sua administração.

No 5º ano, fundei a Lecca Hugo Baethazar do Grêmio do Colégio (este,

aliás, inexistente), havendo sido eleito orador e depois presidente da mesma.

Nesse ano, publicamos, desta vez já impressa, um jornalzinho "O Luxeiro" que como <sup>sempre</sup> ~~as~~ publicações estudantis, teve vida efêmera.

Nessa ocasião já eu me interessava pelo movimento estudantil em geral, mantendo intercâmbio com os grêmios dos diversos Colégios e com a A. E. B. (Associação dos Estudantes da Bahia, atual U. E. B.)

Em 1942, ~~na~~ quando se convocara o Conselho Estadual dos Estudantes, não concordei com as prerrogativas dadas aos estudantes secundários dentro da A. E. B., os quais ficariam subalternos ~~aos~~ seus colegas universitários, vez que constituiriam, apenas, um departamento dentro daquele órgão.



Com a colaboração de alguns companheiros e a despeito da oposição de muitos, levantei a classe no sentido de exigir igualdade de representação e mando, dentro da A. E. B., sem o que nos retiraríamos, formando uma entidade à parte.

Não sendo triunfante o nosso ponto de vista, ~~foi~~ dividiu-se, então, a A. E. B. formando-se, então, a U. E. B. (dos universitários) e a Associação dos Estudantes Secundários da Bahia. Fui eleito vice-presidente da entidade.

Em 1943, o governo federal, que já havia cuidado da organização da Chamada "Juventude Brasileira" copia autêntica das similares nazista e fascista, através a diretora do ensino secundário, d. Lúcia de

Magalhães, entendeu de dar efetividade ao plano.

A esse tempo, já estávamos viajando pelos estados de todos os quadrantes do país, fundando novas associações de estudantes secundários e fazendo a propaganda do Congresso Nacional que convocáramos para o mês de setembro, em Salvador.

Encontrávamos, nos colégios que visitávamos, cartas circulares <sup>(reservadas)</sup> de d. Lúcia, onde <sup>(facilmente)</sup> recomendava o ~~seu~~ desapoio à nossa organização, ordenando o apoio, só e exclusivamente à Juventude Brasileira.

Apesar disso, levamos a bom termo a nossa iniciativa e realizamos <sup>em Salvador</sup> com retumbante êxito, o 1º Congresso Nacional de Estudantes Secundários, a presidência



7.

do Conclave foi rotativa entre os chefes de delegações sendo eu unanimemente eleito coordenador geral do congresso.

Nesse mesmo ano, a partir de junho e até o fim do mandato da diretoria, ocupei a presidência da A. E. S. B.

No ano seguinte, 1944, fiz exame vestibular para a Faculdade de Direito sendo aprovado. <sup>Nesse mesmo ano, fui eleito para o Conselho Fiscal do Centro Acadêmico. Também, em 1945, fui</sup> eleito secretário do Centro Acadêmico Ruy Barbosa.

Em 1946, levantei e coordenei a candidatura Methodio Boêlho, para a União dos Estudantes da Bahia. A sua chapa foi vitoriosa e enquanto dela não participasse, em qualquer cargo, era um dos dirigentes mais ativos, dedicados e prestigiosos.

8.

Representei, esse ano, a U. E. B., no Congresso Nacional dos Estudantes, que se reuniu no Rio de Janeiro, havendo proferido dois discursos em nome da Bahia, na sessão inaugural e na de encerramento, assim como liderado a nossa delegação ao conclave.

<sup>Estive, também, no Recife, representando a U. E. B. em um encontro com os estudantes pernambucanos.</sup> A essa época, <sup>também,</sup> era professor substituto no Instituto Bahiano de Ensino, cargo que vinha ocupando desde o 5º ano ginasial.

Em 1947, passei a ocupar, em caráter definitivo, a cadeira de Geografia do Brasil naquele estabelecimento, o que fiz ainda em 1948, quando, também, lecinei ~~idêntica~~ a mesma disciplina no Colégio Sofia Costa Pinto.



9.

Nesse último ano (1948) diplomei-me em Direito. Participei, também, de um concurso de oratória, na minha faculdade, cujo resultado sofreu duras críticas da maioria dos condiscipulos, pela evidente parcialidade com que se conduziram, especialmente para comigo, os professores julgadores.

Em 1949, fevereiro, prestei concurso para catedrático do Colégio Municipal de Ilhéus (então Ginásio Municipal de Ilhéus), havendo sido aprovado e em seguida nomeado para a cadeira. A tese apresentada foi <sup>trabalho</sup> sobre "O povoamento da Bahia".

Nesse mesmo ano, comecei a colaborar em caráter efetivo, na "A TARDE", jornal de Salvador, assinando a crônica

10

"Bilhetes de Ilhéus", isto por solicitações do seu <sup>fundador e</sup> então diretor, dr. Simões D'Elas. Mais tarde essa <sup>colaboração</sup> ~~seção~~ foi ampliada na seção "Sul do Estado", onde continuei, ao lado do noticiário regional a publicar crônicas assinadas.

Desde 1951, colaborei, também, em caráter efetivo, no "Diário da Tarde" de Ilhéus, onde me responsabilizo pela seção opinativa do jornal. Sou membro <sup>da Ordem dos Advogados da Bahia</sup> do Instituto Histórico e Geográfico da Bahia <sup>da Associação dos Municípios da Bahia, onde ocupo o cargo de</sup> da Associação de Estudos Etnográficos, da Associação Bahiana de Imprensa, sócio correspondente da Sociedade Brasileira de Geografia e membro da Associação dos Geógrafos Brasileiros.



Nota ultima qualidade compareci a Vª,  
VIª e VIIª Assembleias Geraes da ~~Gr~~  
 A. G. B., reunidas, respectivamente, em  
 1950, 51 e 52 em Belo-Horizonte,  
 Nova Friburgo e Campina Grande.

Particpei, ainda, do 1º Congresso dos  
 Municipios do Sul e Sudeste, reunido em  
 Jequié, em julho de 1951, onde  
 representei a Associação dos Municipios  
 da Bahia, o principal da tarde e  
 o municipio de Ilheus.

Sou, tambem, advogado militante em  
 Ilheus.

Prof. Thales de Azevedo  
 Fundação para Desenvolvimento da Ciencia  
 Graca, 10